

ERICH AUERBACH

INTRODUÇÃO
AOS
ESTUDOS LITERÁRIOS

Tradução de
JOSÉ PAULO PAES



EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

Título do original:

INTRODUCTION AUX ETUDES DE PHILOGIE ROMANE

Copyright by Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, Alemanha

MCMLXX

Direitos Reservados

EDITORA CULTRIX LTDA.

Rua Conselheiro Furtado, 648, fone 278-4811, S. Paulo

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

o latim vulgar tendia a reforçá-las para torná-las mais concretas e para assinalar, por assim dizer, o andamento do movimento temporal ou local simbolizado por tais palavras, quer por uma imagem: *agora, enquanto*, quer por uma acumulação de várias partículas: *antes, atrás, desde, doravante* (composta de 3 palavras: *de, ora, avante*). Este último processo se tornou particularmente freqüente. Por vêzes, o reforço concreto se fez com o auxílio da palavra *ecce*, por exemplo no francês *ici* (aqui), que vem de *ecce hic*. *Ecce* foi empregado sobretudo para dar maior relêvo aos pronomes demonstrativos, cujas formas antigas pareciam pouco expressivas; elas serviram para a formação do artigo e do pronome pessoal.

Em tôdas essas evoluções, comprova-se a mesma tendência para a concretização visual e sensual de fenômenos particulares, e o abandono do esforço que tende a ordenar e classificar os fenômenos num conjunto.

III. VOCABULÁRIO

Já tive ocasião de falar dos fatos mais importantes que concernem ao elemento não-latino no vocabulário das línguas românicas. Em primeiro lugar, a presença de palavras provenientes das línguas faladas pelos povos de antes da conquista romana (línguas de substrato, ver p. 50), entre as quais a língua dos antigos Gauleses ou Celtas, o celta, forneceu o maior número (em francês, por exemplo, *alouette*, "andorinha", *bercer*, "embalar", *changer*, "mudar", *charrue*, "charrua", *chêne*, "carvalho", *lande*, "charneca", *lieu*, "légua", *raie*, "sulco, risca", *ruche*, "colmeia", e talvez também *chemise*, "camisa", e *pièce*, "peça"); vem em seguida o contributo das línguas dos conquistadores germânicos, e, no tocante à Espanha, dos árabes. As línguas dos conquistadores, que se superpuseram às línguas anteriormente estabelecidas, são chamadas, pelos lingüístas modernos, línguas de super-estrato.

Entre as línguas germânicas que forneceram palavras às línguas românicas (as dos Gôdos, dos Burgundos, dos Francos, dos Longobardos), o frâncico é a mais importante; vem a seguir a dos Longobardos. Já dei alguns exemplos ao falar da invasão dêsses povos (págs. 69 ss. e 72 ss.); quero acrescentar aqui uma lista de algumas palavras francesas muito conhecidas, que são de origem germânica. Algumas delas se encontram em tôda a România

ocidental como *baron*, "barão", *éperon*, "espora", *fief*, "feudo", *gage*, "penhor", *garde*, "guarda", *guerre*, "guerra", *heaume*, "elmo", *marche*, "fronteira, limite", *marechal*, *robe*, "roupa", *trève*, "trégua"; são termos de guerra e de direito. Há termos também para a vida comum, mesmo para as partes do corpo: *banc*, "banco", *croupe*, "garupa", *échine*, "espinha, lombo", *gant*, "guante, luva", *hanche*, "anca", *harpe*, "harpa, ponte levadiça", *loge*, "choça, loja"; palavras abstratas e de ordem moral: *guise*, "modo de proceder ou falar, guisa", *honte*, "vergonha", *orgueil*, "orgulho"; entre os adjetivos: *riche*, "rico", e as cores *blanc*, "branco", *brun*, "castanho-escuro", *gris*, "cinzento, gris"; entre os verbos: *bâtir*, "edificar, fundar", *épier*, "espigar", *garder*, "guardar", *gratter*, "raspar, coçar", *guérir*, "curar". Mais particularmente franceses são *hache*, "machado", *haie*, "sebe", *choisir*, "escolher", *bleu*, "azul". Algumas das palavras difundidas também fora da França tinham já sido importadas, antes das invasões, por soldados de origem germânica; outras, a princípio confinadas ao norte da Gália, foram mais tarde acolhidas por outras línguas românicas. Bem entendido, esta pequena lista não representa mais que minúscula fração do contributo germânico, que parece ainda mais considerável quando se estudam os dialetos das regiões que foram mais intensamente colonizadas pelas tribos germânicas.

Finalmente, além das palavras fornecidas pelas línguas de substrato e de super-estrato, encontra-se, nas línguas românicas, grande número de palavras gregas que subsistiam como termos de empréstimo no latim corrente da Antiguidade.

Todavia, a imensa maioria das palavras, nas línguas românicas, é de origem latina; e as palavras que formam a estrutura da língua — artigos, pronomes, preposições, conjunções, etc. — o são quase sem exceção.

Entretanto, as línguas românicas não conservaram tôdas as palavras do latim; algumas foram abandonadas, outras sobrevivem com seu significado mudado. Nesses abandonos e alterações de significado, podem-se observar algumas tendências de ordem geral:

a) Verifica-se uma tendência a abandonar palavras, substantivos ou verbos, cujo corpo fonético foi assaz reduzido pelo desenvolvimento histórico dos sons. Em francês, por exemplo, a palavra latina *apis* teria dado *ef*, pronunciado *é*; foi substituída, nos diferentes dialetos, por diminutivos, como em fr. *abeille* ou

avette, (port. *abelha*), ou por perífrases, por exemplo *mouche à miel*, "môscas de mel". Da mesma maneira, o verbo *edere*, "comer", foi abandonado quase universalmente e substituído, ou por seu composto (esp. *comer*), ou por um sinônimo popular *manducare* (it. *mangiare*, fr. *manger*); outros exemplos são os substituído por *bucca* (fr. *bouche*, it. *bocca*, prov. cat. esp. port. *boca* etc.), e *equus*, substituído por *caballus* (fr. *cheval*, it. *caballo* etc.). *Bucca* e *caballus* são também palavras populares e algo grosseiras.

b) Uma tendência geral do latim vulgar é a de preferir as palavras populares, concretas, freqüentemente mesmo aquelas que tenham um matiz depreciativo, zombeteiro e licencioso, às palavras literárias e nobres. Ao lado dos exemplos já mencionados podem-se citar aqui *casa*, "cabana", ou *mansio*, "lugar onde se descança", "mau albergue", para designar *maison* (fr.) (prov. cat. esp. it. *casa*), enquanto que o termo clássico, *domus*, ficou reservado para as grandes igrejas (it. *duomo*, fr. *dôme*); *dorsum* ("o que está atrás") em lugar de *tergum*, "dorso, costas" (it. *dosso*, fr. *dos* etc.); *testa*, a princípio "caco", depois "crânio", em lugar de *caput* no sentido de cabeça" (fr. *tête*, it. *testa* etc.), enquanto *caput* sobreviveu apenas, na maioria dos falares romanos, em sentido figurado (fr. *chef*, it. *capo*); *crus*, "perna", foi substituído ou por *gamba* (fr. *jambe*) cujo significado originário era "junta", "travadoiro", ou por *perna* (esp. *pierna*), que significava a princípio "coxa", "nádega". Finalmente, uma palavra da linguagem amorosa, *bellus*, substituiu os termos usados em latim clássico com o sentido de "belo", um dos quais, *pulcher*, desapareceu inteiramente, ao passo que outro, *formosus*, só permaneceu vivo na Península Ibérica (esp. *hermoso*, port. *formoso*) e em rumeno.

c) Comprova-se dessarte um gosto acentuado pelos diminutivos e intensivos; o exemplo *abelha* já foi citado; poder-se-ia acrescentar-lhe *auricula* por *auris* (fr. *oreille*, it. *orecchio*, port. *orelha* etc.); *genuculum* (fr. *genou*, it. *ginocchio*, esp. arcaico *hinojo*); *agnellus* (fr. *agneau*); *avicellus* (it. *ucello*, fr. *oiseau*, "pássaro") por *avis*, *cultellus* (fr. *couteau*, "faca") por *culter*, mas *culter* sobreviveu em alguns países com o sentido de "ferro cortante da charrua" (fr. *contre*, "relha do arado"). Quanto aos verbos, citemos algumas formas intensivas: *cantar* (*cantar*) por *canere*, e *adjutare* (*ajudar*) por *adjuvare*.

d) Sem que se possa falar de tendências bem definidas, produziram-se mudanças e deslizamentos semânticos de sentido bastante interessantes, dos quais quero citar alguns exemplos. É um estudo amiúde apaixonante, o da Semântica; quase todo caso exige uma explicação específica e repetidas vezes ela nos revela desenvolvimentos históricos, culturais ou psicológicos. Algumas palavras muito usadas do latim desapareceram, por exemplo *res*, "coisa", que sobreviveu todavia em algumas línguas no sentido de "alguma coisa", ou, com a negação, "nenhuma coisa" (fr. *rien*). Mas no seu antigo significado, foi suplantada por *causa*, cuja significação era originariamente "razão", "questão jurídica", "processo", "caso": it. esp. *cosa*, fr. *chose*; a forma *cause* (fr.) é uma criação posterior, de origem literária. Algumas línguas românicas abandonaram a palavra *ponere* no sentido de "colocar", "pôr", e a substituíram por *mittere* (fr. *mettre*); o significado antigo de *mittere* era "enviar"; e o que é ainda mais curioso é que *ponere* subsiste em algumas línguas com uma acepção limitada, especializada: fr. *pondre* (pôr ovos). Exemplos de restrições análogas são freqüentes: *necare*, "matar", foi suplantada por outras palavra no que toca ao seu significado geral, mas se conservou num sentido especial: "matar pela água", fr. *noyer*, esp. port. cat. *anegar*, it. *annegare*; *mutare*, "mudar", substituída por uma palavra de origem céltica (it. *cambiare*, fr. *changer*) é encontrada entretanto, em francês por exemplo, num sentido especial, zoológico: *muer*, "estar na muda (animais)"; e *pacare*, "apaziguar, pacificar", se especializou em "apaziguamento de um credor": fr. *payer*, "pagar". Produziram-se contaminações: *debilis*, "débil", e *flebilis*, "que provoca lágrimas", "miserável", contaminaram-se para dar em francês *faible*, "fraco, débil". Eis alguns outros casos interessantes de resvalamento de sentido: *captivus*, "prisioneiro", adquiriu o sentido de "miserável", "mau" (fr. *chétif*, it. *cattivo*); de uma iguaria deveras apreciada, "fígado de ganso cevado com figos", *ficatum iecur*, surgiu uma nova palavra para designar "fígado", o adjetivo que queria originariamente dizer "cevado com figos": it. *fegato*, fr. *foie*; e o porco macho que vive sozinho, *singularis porcus*, tornou-se, em francês, o *sanglier*, "javali". Terminamos com um desenvolvimento que está ligado à história religiosa. Em grego, a palavra *parabolé* indica a comparação, a "parábola". Ora, Cristo, no Evangelho, gosta de exprimir-se em alegorias por *parábolas* e, dessarte, a palavra *parábola* foi

empregada com o significado de "palavras de Cristo".eram as "palavras" por excelência, e dessa maneira o termo se generalizou; donde, em italiano, *parola* e *parlare*, em francês *parole* e *parler*, derivados regularmente de *parabola* (contraída em *paraula*) e de *paraulare* (queda da segunda sílaba átona, ver p. 80); a palavra francesa *parabole* é uma formação erudita. E as palavras que em latim clássico tinham designado "a palavra" e "falar", *verbum* e *loqui*, desapareceram ou não sobreviveram senão num sentido especial (fr. *verve*).

O latim vulgar e as línguas românicas, no curso de sua história antiga, formaram também palavras novas. Na imensa maioria dos casos, trata-se não de verdadeiras criações, mas de combinações novas de um material já existente. No que tange a essas combinações, distinguem-se dois processos: a derivação e a composição.

a) A derivação é o processo que consiste em tirar, de uma palavra antiga, outra nova com o auxílio de uma terminação, de um sufixo; muito usado em tôdas as épocas do latim, foi tal processo constantemente utilizado pelas línguas românicas; seu estudo é tanto mais interessante quanto os sufixos empregados têm, cada um dêles, um sentido especial. Exemplos: os sufixos *ator* e *-ariu* (fr. *-eur*, *-ier*) designam o agente (fr. *vainqueur*, "vencedor", *parleur*, "palrador, orador"; *sorcier*, "feiticeiro", *cordonnier*, "sapateiro"); o sufixo *-aticu*, fr. *age*, foi unido na época pre-medieval, a palavras que designavam foros, rendas (*ripaticum*, taxa para atravessar o rio), e adquiriu depois um valor coletivo (fr. *rivage*, "margem, praia", *village*, "aldeia", *chauffage*, "aquecimento"); os sufixos *-one*, *-aster*, *-ardu* são em geral pejorativos, outros sufixos são diminutivos, intensivos, etc. Existem também sufixos, bem entendido, para formar verbos ou adjetivos.

b) A composição se faz por aglutinação de duas ou várias palavras que, ordinariamente, se empregam amiúde juntas; elas se unem por um vínculo sintático e acabam por formar um só conceito e uma só palavra: assim, as palavras romanas que designam os dias da semana (fr. *lundi*, "segunda-feira", de *lunae dies* etc.). Este exemplo mostra uma palavra composta com outra palavra no genitivo; existem ainda outros processos de composição: adjetivo com substantivo, como em fr. *aubépine*, "pilriteiro, espinheiro alvar", de *alba spina*; citemos também em fr. *milieu*, "meio", *vinaigre*, "vinagre", *chauve-souris*, "morcego"; certas coor-

denações e subordinações cujas formas podem variar constantemente: fr. *chef-d'oeuvre*, "obra-prima", *chef-lieu*, "sede de divisão administrativa", *arc-en-ciel*, "arco-íris"; composições com preposições, usadas sobretudo para os verbos (*combater*, *sublevar*, *prever*), mas também para os substantivos: fr. *affaire*, "negócio, trabalho, caso", *entremets*, "entremez". Um processo particularmente estimado no período romano primitivo, o de combinar um imperativo com seu complemento (fr. *garderobe*, "guarda-roupa", *couvre-chef*, "chapéu, boné", *crève-cœur*, "grande desgosto") foi empregado amiúde para formar nomes de pessoas, tais como em fr. *Taillefer* ou *Gagnepain*.

F. QUADRO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Foi depois dos acontecimentos e transformações que explicamos anteriormente que se formaram as línguas românicas. Terminamos esta parte com um quadro de sua distribuição na Europa, baseado naquele que apresentou o Sr. v. Wartburg no seu recente livro *A Origem dos Povos Românicos* (Paris, 1941, p. 192-194).

1) O ROMENO, cujas origens narrei na pág. 66, é falado hoje na Romênia (fronteiras de 1939) e em algumas regiões limítrofes ou isoladas dos países vizinhos; é muito influenciado pelos falares eslavos.

2) Nos Bálcãs, existiu até o século XIX uma segunda língua românica, o DÁLMATA, falado no litoral da Dalmácia e nas ilhas vizinhas do Adriático.

3) O ITALIANO é falado na Itália continental e peninsular, na região de Menton, na Córsega, na Sicília, no cantão suíço do Ticino e em alguns vales suíços dos Grisões (não na Sardenha, ver 4). Nas regiões que a Itália adquiriu com a Primeira Guerra Mundial, existem as em que a língua é o alemão (no Tirol) ou o eslavo (na Istria). Por volta do ano 1000 uma grande parte da Itália meridional (a Calábria, a Apúlia, a Sicília), antigamente colonizada pelos gregos e longo tempo sob o domínio bizantino, falava grego; na Sicília, onde os árabes se haviam fixado por volta de 900, o árabe lhe fez concorrência. Entretanto, tôdas essas regiões foram romanizadas posteriormente; alguns resquícios de grego sobrevivem na Calábria até os dias de hoje.